

## **PALA DE SEDA**

Apparício Silva Rillo

Meu velho pala de seda  
com meio palmo de franja!  
Contrabandeado da estranja  
para enfeitar meu assombro.  
Quando te atiro nos ombros  
numa manhã de domingo,  
só de faceiro o meu pingo  
mal e mal pisa no chão,  
e não há neste rincão  
onde te exhibo vestido,  
pinguancha passarinheira  
que lá por dentro não queira  
vir afagar-te o tecido...

Meu velho pala franjado,  
pano pra todo o serviço!  
Botei muito rebuliço  
contigo envolto no braço  
e uma adaga de bom aço  
passarinhando na mão.  
Te esparramava no chão  
no exato feitio de um leque,  
e quando o índio moleque  
pisava sobre teu pano,  
eu dava um grito de - "Arreda!"  
e ao grotesco de uma queda  
ria o rincão meio ano...

Quanto recuerdo dos buenos  
não guardas, pano de lei!  
Eu mesmo ao certo não sei  
qual terá melhor memória.  
Talvez aquele da história  
da china ruiva do povo  
que num baile de Ano-Novo  
quis ver a lua comigo...  
E então, ao discreto abrigo  
da sombra larga do oitão,  
meu velho pala franjado  
foste o leito improvisado  
desse noivado pagão!

Depois que abraço a chinoca  
e ao trote retorno ao pago,  
tu vais tremendo ao afago  
de um ventinho buliçoso.  
E o teu patrão, orgulhoso

como é feitio de um rapaz,  
só pra não olhar pra trás  
- mais entonado que um Deus -  
te afrouxa e vais padejando,  
pachola e louco, acenando  
teu triste e último adeus!